

R. Xavier da Silva

Doenças da garganta, nariz e ouvidos
CLINICA GERAL
 Das 3 ás 5—Rua da Palma, 133, 1.º



As cartas dos consulentes devem vir acompanhadas da respectiva SENHA DE CONSULTA, e satisfazer aos seguintes requisitos:

- «Nome de batismo; iniciaes dos sobrenomes e apelidos.»
- «Anno, mês, dia e hora, se possível for, do nascimento.»
- «Côr da péle, dos olhos, dos cabelos.»

— «Altura aproximada, estado de magreza ou de gordura, comprimento exacto dos dedos da mão esquerda, tomado do lado da palma da mão; se os labios são finos, delgados ou grossos, carnudos, espessos; sinas da péle, congénitos ou adquiridos, cicatrizes. Dimensões aproximadas da testa, feito do nariz. (Um retrato tirado de frente e outro de perfil, seriam excellentes dados.)»

— «Doenças anteriores á consulta. Saude dos paes. Se tem muita ou pouca força muscular e qual o estado de sensibilidade da péle.»

— «Falando ainda dos cabelos será bom dizer se são macios ou asperos. As veias que se divisam atravez dos tegumentos são cheias e azuladas?»

— «E' alegre, agitado, vivaz, inconstante, facilmente irritavel?»

— «Adora o prazer em todas as suas manifestações? Quaes as distrações que prefere?»

— «Tem tendencia para a violencia, para o despotismo?»

— «E' cabeludo ou glabro?»

— «Quaes os caracteres da marcha? Costuma andar depressa, devagar, a passo largo, a passo curto, com gravidade, baloiçando o corpo?»

— «Qual é a posição habitual da mão quando caminha? Fechada, semi-aberta, aberta? Tem por habito levar repetidamente a mão á frente, aos olhos, á boca, ao nariz, ás orelhas?»

— «Caminha de mãos nas costas, nas algibeiras? Esfréga-as muito? Costuma-lhes fazer estalar os ossos? Leva repetidas vezes a mão ao peito?»

— «Dorme com as mãos fechadas, semi-cerradas, abertas? E' tremulo?»

— «Ha frisante contraste entre a côr dos cabelos da cabeça, da barba e das sobrancelhas?»

— «Gosta de flores, de fructos? Quaes os preferidos?»

Alem destes esclarecimentos, poderão os srs. consulentes enviar-me quaesquer outros que julguem convenientes. A todos garanto o mais absoluto segredo, a mais completa descrição.

GRANDE DEPOSITO
 DE
MOVEIS DE FERRO

COLCHOARIA

JOSÉ A. DE C. GODINHO

54, Praça dos Restauradores, 56 — LISBOA

SALVADOR VILLARINHO PEREIRA

Clinica Geral — Partos

R. de S. Roque, 67, 1.º — Das 3 ás 5 da tarde
 TELEPHONE 1573

ALBERTO FERREIRA

MEDICO-CIRURGIÃO

Rua Maria Andrade, 10, 2.º-D.
 Consultas das 10 ás 11

ANACLETO DE OLIVEIRA

MEDICO-CIRURGIÃO

R. S. Vicente á Guia, 22, 1.º

LUZ KITSON

Petroleo por incandescencia
 A mais brilhante, a mais economica

Sem cheiro nem fumo, L. M. LILLY, successor. R. dos Retrozeiros, 35, 1.º-D.

Januario & Mourão

OURIVESARIA E JOALHARIA

Grande quantidade d'artigos em estojo proprios para brindes, desde 1\$000 réis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso. Importação directa das fabricas.

PREÇO FIXO

Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92 A

MOTORES DE AR QUENTE

Para tirar agua, substituindo com vantagem as noras e os moinhos de vento. L. M. Lilly Successor, R. dos Retrozeiros, 35, 1.º, -D. Lisboa.



EXPOSIÇÃO DE LOUÇA DAS CALDAS

Arte decorativa
 Artigos para brindes

GATO PRETO

Rua de S. Nicolau

(Esquina da R. do Crucifixo)

Pharmacia do Instituto

Pasteur de Lisboa

Productos esterilizados, especialidades nacionaes e estrangeiras, receitauario.

Rua Nova do Almada, 86 a 90

Em frente ao mesmo Instituto

JAZIGOS DE CAPELLA

A 200\$000 reis

8 Logares

Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

LOUÇAS-VIDROS-TALHERES

QUASI DE GRAÇA

SÓ NA CASA DAS LOUÇAS

33, RUA DA PALMA, 33

Pedro Carlos Dias de Sousa

JULIO GOMES FERREIRA & C.ª



Fornecedores da Casa Real

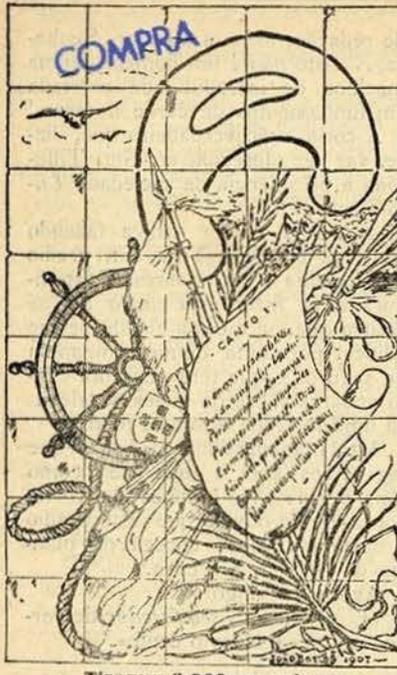
82 — RUA DA VICTORIA — 88

Exposição permanente

166 — RUA DO OURO — 170

Instalações completas para agua gaz e electricidade
 Grande sortido de lustres em todos os generos

COMPRAR



Tiragem 6.000 exemplares.

20 REIS

Semanario illustrado de Sciencias, Letras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
 Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
 Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
 Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
 Litterarios: J. PACIFICO, EMECÉ e LAMPARINA
 Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
 Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
 LISBOA

Officinas d'impressão e composição
A Liberal — R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira
27 DE ABRIL DE 1908

Condições de assignatura
 (Pagamento adiantado)
SERIE DE 15 NUMEROS
 Lisboa e provincias..... 300 rs
 Colonias 400 »
 A cobrança pelo correio é augmentada de 60 réis.

NUMERO AVULSO 20 REIS



CHÁ E TORRADAS



Quando um individuo adopta um methodo para a sua vida e se propõe manter uma determinada linha de conducta, é sempre uma coisa séria e grave, se n'um determinado momento resolve inverter os polos á agulha da sua norma e seguir um rumo completamente diverso.

Ora queiram V.ªs Ex.ªs dignar-se deitar um rabinho do olho para aqui e verão uma creatura escaldada com um *Chá e Torradas* e com o corpinho que Deus lhe deu a arder, tudo, pela razão singela, de alterar o programma dos seus costumes, afim de ser agradável a um amigo dos diabos, que um bello dia lhe caiu á perna.

Eu que vivo, desde as gatinhas da minha infancia, com uma tia velhota, — a D. Briolanja, Deus m'a conserve — dei sempre o cavaquinho pela bohemia pacata e acostumei-me a ir feito com o Pagode e a D. Frescata, casal muito das minhas relações.

Não sei porquê mas acho que este par de tres assobios, devia cons-

tituir uma das sete maravilhas do mundo, não fallando na elegancia do *Macaco Azul* que poderia muito bem ser a oitava e, ultimamente, o *Cão que falla*, que está mesmo talhado para a nona.

Ora, entrando em linha de conta com a minha tara hereditaria, com o fatalismo, o determinismo, o hystericismo, o cathecismo e as quejandas

Mascaras illustres



Professor Manuel Bento de Sousa

patacoadas dos sabios *charlapalões* de toda a pseudo-laranja terrestre, eu descambei um tudo nada para a borga e afiz-me a trocar as noites com os dias — que o Borda d'Agua me releve — abancando em ceias baratas com um grupo de bons amigos e cavaqueadores, partidarios da vida nocturna e das contas do Porto.

Nos primeiros dias a tia Briolanja deu ao demo a minha ideia, mas, eu

fiz-lhe ver que detestava a vida por detestar a sociedade, e portanto, adorava as altas horas da noite, em que as ruas estão desertas e os postigos da vida se rebolam amadornados em Valle de Lençoes.

Com o brometo de potassio da minha labia a boa velha entrou tambem n'um governo d'acalmação.

Mas... vamos ao que interessa. Ha dias ia sentar-me para jantar quando me avisaram de que o amigo João Pacifico me esperava na sala. Corri sem delongas ao seu encontro.

— Que bom vento te conduziu?! perguntei.

— Venho dizer-te que tens de fazer o *Chá e Torradas*.

— Mas... o jornal entra amanhã na machina! Porque não o escreveste?!

— Assim quiz fazer. Mas... Horriavel, meu amigo, horriavel — retorquiu-me o Pacifico.

—?!
 — Eu te conto. Hontem á noite fui á redacção com o firme proposito de rabiscar a minha secção. Sentei-me, pedi uns linguados de papel, e, como estava de maré, a breve trecho consegui encher o primeiro. Porém, ao começar o segundo...

— Apagou-se o gaz?
 — Não.
 — Acabou-se a tinta?

— Não — Escuta — Como muito bem sabes a redacção é proxima da rua da Palma...

— A dois passos.

— Pois imagina que alguém cometteu o cumulo de metter quatrocentos cães no *Paraizo* e tanto bastou para a converter n'um verdadeiro inferno.

— Metter cães no *Paraizo* só lembra ao diabo, — exclamei rindo.

— Aterrorisei-me com tanto uivar

e ladrar. Imaginei-me um homem lançado ás feras! Quanto mais diligenciava escrever, mais cão—digo—mais burro me sentia! Fugi! Aqui tens a minha negra historia... Entende-te com os leitores e... passa muito bem.

Fiquei embuchado, como se houvesse comido marmellos.

Pensativo, absorto e enfatiado, fui-me ás sopas.—Que amargurado jantar! Enguli apenas umas colheres de sopa, duas ou tres garfadas de desenhos e, isto mesmo, a muito custo.

A tia Briolanja, notando esta ausencia d'appetite e a minha attitude de pensador, com a cabeça apoiada entre as mãos, farejou doenca grave e vi-me mettido n'um ambiente de perguntas, tão fechado como um ovo.

Todos os meus esforços de sinceridade não foram potentes para lhe desentranhar a opinião.

Após o jantar encaminhei-me para a Avenida, onde busquei um banco mais recondito.

Que fazer?—dizia eu. Por mais que espremesse a mioleira, não obtinha uma gotta de *Chá* nem uma molecula de *Torradas!*

Tive, apenas, uma ideia: ir deitar-me muito cedo, na esperança de madrugar e produzir, então, alguma coisa de geito.

Ao entrar em casa recebeu-me a tia Briolanja com uma salva real de vinte e uma admirações. Em oito annos era esta a vez primeira que eu recolhia ás 8 horas!

As suas desconfianças mais se avolumaram e entraram no dominio da certeza, quando recusei tomar o chá e me dirigi para o quarto de dormir.

Muni-me de papel e lapis, que puz sobre a mesinha da cabeceira, dei-me, apaguei a luz da vela e, dentro em breve, consegui adormecer profundamente.

Passado tempo comecei a sentir no corpo uma sensação exquisitissima. Meio estremunhado, ia sentarme na cama, disposto a accender outra vez a vela, quando me senti agarrado e ouvi uma voz meliflua e carinhosa, dizer-me baixinho:

—Deixa estar; amanhã estás bom, verás.

—!!!

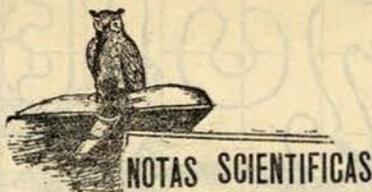
Era a tia velha que, não arredando pé da opinião preconcebida, tinha posto em cima de mim uma carada de sinapismos!

Para a convencer tive de gritar como um possesso:

—Já estou bom. Venha a ceia. Depressa, tia Briolanja, salta o *Chá* e *Torradas*.

JOÃO REVOLTA.

Veja o grande concurso do Azulejos.



Chronica

Um punhado de noticias. — Kepler determinára a distancia da Terra ao Sol: cento e quarenta e oito milhões e quinhentos mil kilometros. Os astrónomos modernos afiançam que o celebre matematico errou o calculo e que a verdadeira distancia é: cento e quarenta e nove milhões, quatrocentos setenta e um mil kilometros. Quem tem razão?

O leitôr que refaça o calculo e faça favôr de mandar o resultado á redacção do «Azulejos».

—O grande Edison pretende ter

MULHERES GALANTES



William

achado a maneira de construir e tornar habitavel uma pequena casa de dois andares... em dôse horas. Serve-se para isso duma composição feita de uma parte de cimento, três de areia e cinco de pedra britada. Esta massa é lançada em moldes de ferro, antecedentemente fabricados: algumas horas depois a durêza do composto é tal que se podem tirar os moldes e a casa fica de pé, pronta a sêr habitada.

Preço dum prediosito de dois andares, podendo servir para uma familia de cinco ou seis pessoas: *um conto de réis*.

Um colega de redacção afirma-me que este *conto* não passa duma *historia!*

Sempre ha gente muito incredula! —Torna se a falar com insistencia na descoberta feita ha cincoenta annos por Tifferean. Este Snr. diz que obtem barras d'ouro, dissolvendo a prata unida ao cobre numa mistura de acidos nítrico e sulfurico concentrados; sôb a ação da luz solar. O meu supracitado companheiro

de redacção, torna a duvidar. Senhores... isto não é um homem, é uma machina de incredulidade montada em fundamentos de carne humana!

A coisa é tão verdadeira que, diz-se, vae sêr oferecida ao Snr. Tifferean a presidencia da sociedade *Luso-Penuria!*

—A casa Singer estava fazendo construir em New-York um predio de quarenta e um andares. Triste figura de quarenta e um andares ao pé doutra que, na mesma cidade, se vae edificar por conta duma companhia de seguros e que terá quarenta e oito andares sôbre os quaes se elevará uma torre de dusesentos metros.

A tal machina d'incredulidade, que faz versos aqui a meu lado como uma *minerva* faz bilhetes de visita, sopra-me ao ouvido que este predio é destinado a fazer cócegas nas plantas dos pés de S. Pedro.

Agora me vingou eu...

«E' MENTIRA... *seu fazedor* de versos de três tostões o cento».

RIPLA.

ESPIRITISMO

Comunicação de um Desconhecido

(Do volume II *Do Paiç da Luz*, no prelo)

(Continuação)

Os que não se sentem com inclinação para a vida tão martyrisada e cheia de sacrificios, passam a viver em maior desregramento, para tentarem esquecer e stordar se; como ahi ha quem procure no estonteamento da embriaguez a cura para insignificantes males que o affligem e que, com um pouco de coragem e de bom senso, combateriam sem irem cahir em degradação.

Estes desgraçados refinam então no mal. Parece que são atrahidos, eternamente, para uma voragem de loucura, e tornam-se verdadeiramente os demonios da crença religiosa.

Sentem uma sêde permanente de torturar e desgraçar alguém, como um ebrio vicioso, ahi, sente o desejo do alcool; e não ha supplica nem conselho que os demova de tão miseravel proposito.

Assim afundam se cada vez mais.

Então blasphemam contra Deus, a quem attribuem todo o seu penar, sem quererem vêr que elle é consequencia da vida que escolheram; e que, quanto mais persistem n'ella, maior e mais dilacerante é o soffrimento. Que é tudo consequencia uma cousa da outra. Que quem procurar o bem-estar, o bem-estar encontrará; e que quem o não procurar se afastará d'elle; e que, á proporção que se afastarem, em maior mal-

¹ Por engano do numero passado, foi esta communicação attribuida a Eça de Queiroz.

estar hão de viver. Isto aqui como ahi. E' uma lei fatal.

Os factos encadeiam-se e prendem-se como se encadeiam e prendem os pensamentos e as cerejas. A origem do bem ou do mal, que cada um usufrue, está na qualidade das cerejas que escolher.

Se escolher as de onde provém a felicidade, atraz da primeira que trouxe virão outras eguaes ou melhores; e se vem uma ou outra tocada, ou a deita fóra ou se a come não lhe vem grande mal por isso. Mas se escolhe as outras, apoz a primeira virão mais egualmente más e se de entre ellas alguma boa apparecer, ai do triste, que essa mesma vai maculada e contaminada!

Não vês isso ahi? Pois aqui é o mesmo, mas extraordinariamente augmentado!

Ha infelizes, *verbi gratia* eu, que teem a desgraça maxima de vêrem bem a situação; e conhecendo a fonte de onde mana a agua pura e aquella de onde nasce a agua sulfurosa e envenenada, não teem força para escolherem a boa nem sabirem do torvelinho horrendo a que as suas primeiras faltas e leviandades os arrojaram.

(Continúa)



CLARISSE

(Continuação)

IX

Estava tudo acabado. No dia seguinte ao da minha chegada a Paris, uma carta do medico de minha mãe annunciava-me que tendo adoecido no dia da minha partida, em dois dias havia-se a doença aggravado a ponto de julgar que devia prevenir-me immediatamente receando que já fosse tarde.

Puz-me a caminho sem demora alguma, mas cheguei apenas para receber o ultimo beijo de minha mãe.

Esta nova catastrophe postrou-me de modo que estive muito tempo sem sair. Deixando ao notario que havia muitos annos se occupava dos negocios de minha mãe o cuidado de regular os meus, continuei no meu desanimo, sentindo com tacito espanto sangrar a minha dupla ferida.

Quando a herança estava inteiramente regulada, o notario resumiu assim a minha situação:

«A senhora mãe, não tendo querido augmentar os rendimentos tinha apenas seis mil francos annuaes; mas, vendendo as propriedades, comprometto-me a obter o capital de du-

Modas e Confecções



zentos e cincoenta mil francos que, empregados na industria, o farão rico.»

Estas palavras, que a principio ouvi com indifferença, impressionaram me quando fiquei só.

Mas então, disse eu comigo, o obstaculo que me separava de Clarisse não existe.

Corri a Quimper e, mettendo-me n'uma carruagem de posta, parti para Brest com rapidez que, apesar de grande, me causava extraordinaria impaciencia.

Cheguei tarde, Clarisse estava casada havia vinte e quatro horas. Tinha perdido a felicidade por um dia.

Foi então que, para não succumbir ás más tentações que a cada instante me assaltavam de proseguir com o meu amor á custa do repouso de Clarisse, me decidi a viajar. Percorria Italia e a India. Mas, vogando sobre as ondas tranquillias ou agitadas do Adriatico e do Ganges, em vez dos palacios de Veneza e de Calcutá, a minha imaginação invocava por toda aparte essa casinha branca da margem do Aubre, com a sua parreira o seu jardim e cançado onde uma senhora seguia com olhar terno duas creanças que bricavam sobre a relva; e esta mulher tomava então para mim a fórmula delicada e elegante, os olhos azues e sorriso resignado de Clarisse de Gavre.

Dois mezes depois de Mauricio me haver feito esta narração, uma senhora que voltava de uns dos grandes portos de guerra, contava n'uma sala onde eu estava, como o senhor d'Erney que era perfeito maritimo d'esse porto, havia recebido alguns dias antes uma caixa contendo um quadro sem assignatura e sem nenhuma indicação de origem.

Pela descripção que fizeram da pintura reconheci sem dificuldade a obra do meu amigo-

«O mais singular, disse a tal senhora, é que vendo o quadro, a senhora d'Emery teve uma commoção que em vão tentou dissimular, mas que naturalmente era motivada por não ter filhos...»

No dia seguinte fui á casa de Mauricio.

Mostrou-me uma carta que recebera no momento em que entrava. Continha apenas esta palavra: «Obrigada!»

TRADUÇÃO

FIM.

Carta

Com uma gripe importuna
Sem poder d'aqui sair,
Grata estou aos «Azulejos»
Por me virem distrahir.

E' um jornal variado
E que nos prende a attenção;
Desde o seu — Chá e torradas
Té á musical sessão.

Tem para todos os gostos,
E' deveras int'ressante;
Só não posso conformar-me
Com sua «posta restante»

E sabem porquê? Eu digo;
Por ver ali condemnar
Sem apelo, os poetas-tros,
Que vivem a suspirar!

Coitados! Pobres novatos,
Tratados tanto a rigor!
Mais syllaba, menos syllaba,
O que faz isso ao Amor?!

Sejam mais benevolentes
E... para principiar
Publiquem *este cavaco*
Que mal pretende rimar

A publicarem, prometto
Mandar em compensação,
Um poema, então tratado,
Com toda a inspiração.

Voltem, voltem «Azulejos»
Alegrem-me a solidão;
Poupem-me á «posta restante»
Uma vez... por excepção.

VIOLETA.

Alzira

Sorri p'ra mim serêna e donairosa
Qual archanjo divino, a linda Alzira;
Ao vê-la assim tão meiga, tão formosa,
Meu coração de júbilo delira.

Que de canções d'amôr ella m'inspira,
A virginal princeza tão bondosa!
— Oh! quantos hymnos sóltos, minha lyra,
Por essa seductôra flôr mimosa! —

Ao vê-la assim tão linda, tão gracil,
Eu julgo não haver rôsto gentil
Que se compare ao d'essa linda flôr.

— E que alegria eu sinto, dôce amada,
Ao vêr-te tão modesta, envergonhada...
Meu sacrosanto symbolo do pudôr!

Porto 7-2-908.

MANOEL PINTO FERREIRA.

Veja o grande concurso do Azulejos.

O Tamborsinho Sardo

POR

Edmundo de Amicis

(Continuação)

II

O tamborsinho tirou o cinturão e a mochila e meteu o bilhete no bolso do peito. O sargento deitou a corda para fóra da janella, segurando-a fortemente por uma das pontas; e o capitão, ajudando o rapaz a passar pela janella com as costas voltadas para fóra, disse-lhe:

— A salvação do destacamento está na tua coragem e nas tuas pernas.

— Confie em mim, meu capitão! — respondeu o tambor já suspenso da parte de fóra.

— Curva-te na descida, disse ainda o capitão, segurando a corda juntamente com o sargento.

— Socegue.

-- Deus te ajude!

Em poucos momentos o tamborsinho estava em terra; o sargento puchou para cima a corda e desapareceu; o capitão foi rapidamente direito á janella e viu o rapaz voando pela rampa abaixo; e, quando suppunha já livre das vistas do inimigo, algumas nuvens de poeira que se erguiam do chão em torno do rapaz lhe deram a perceber que tinha sido descoberto pelos austriacos, que do ponto mais elevado da ladeira lhe faziam fogo pelas costas, e aquellas pequenas nuvens eram produzidas pelas balas que raspavam a terra. Mas o tamborsinho continuava em vertiginosa corrida. De repente cafu.

— Morto! — rugiu o capitão, mordendo os punhos.

Mas, mal tinha pronunciado a palavra, quando viu o tamborsinho levantar-se.

— Ah! caiu mas levantou-se... disse consigo, e respirou.

O tamborsinho effectivamente recommençara a correr com toda a força, mas coxeava.

— Torceu um pé... pensou o capitão.

Algumas nuvensitas de pó se levantaram ainda, aqui e ali, em volta do rapaz, mas cada vez mais distantes.

Estava pois a salvo, e o capitão soltou uma exclamação de triumpho; mas continuou seguindo-o com os olhos ansiosamente, porque estava seguro de que, se o emissario não chegasse lá abaixo, depressa, com o bilhete em que peia soccorro immediato, ou todos os soldados cairiam mortos, ou teria elle de render-se e ficar com os seus prisioneiros.

O rapaz corria com rapidez um pedaço, depois afrouxava o passo, coxeando, tornava a correr, mas cada vez mais cansado, ora tropeçava ora parava de repente.

É que alguma bala o apanhou de raspão, pensou o capitão tremendo.

Observava-lhe todos os movimentos, animava-o, falava-lhe, como se elle o pudesse ouvir, media sem descanço com o olhar prescurador o espaço intrepuesto entre o rapaz que corria e o scintillar das baionetas que brilhavam lá ao longe, na planície, no meio dos campos de trigo dourados pelo sol.

(Continúa).

artista digno—evoluiu. E á maneira que as representações da obra estudada se sucediam, a sua interpretação aperfeiçoava-se na ancia de vencer pelo esforço individual, confirmando assim o que Spencer disse:— «a acção é tanto mais graciosa, quanto menos fôr o dispendio de força empregada para a realisar».

Portugal pittoresco



LISBOA — COLLEGIO INGLEZ — AVENIDA RESSANO GARCIA

Cliché do Ex.^{mo} Sr. João Maria Lopes

COMEDIANTES

I

João Rosa

Para desdita da arte dramática nacional, João Rosa ha três épocas lhe não dá o brilho das interpretações honestas.

«Ninguém faz falta; rei morto rei posto» — de quando em vez é ouvido. Mas a ausencia scenica de João Rosa leva consigo o artista mais sóbrio, mais adentro da execução interpretativa que o teatro português tem gosado.

A sua arte foi sempre a arte dos que veem no theatro uma multidão ávida dos seus gestos e das suas mais fugidias atitudes. João Rosa nunca esboçou um gesto que não fosse o gesto psychico do seu papel. João Rosa nunca desenhou uma atitude que não denunciase a perturbação ou a quietude do personagem artistizado.

Em Scena, e quando a dinamica da peça o levava a ser ouvinte, já-mais o seu rosto apontou sentimentos que, pela excellencia do bem elaborados, podessem rafflesar o trabalho do seu collega. Respeitou sempre o conjunto duma peça, porque foi honesto e, como honesto fugiu de ser idolo.

Conquistou o dulcissimo sonho do

Do Luiz XI ás Fogueiras de S. João á sua maneira ia-se identificando com o espirito da época. Nascido na escola romantica teve a rara felicidade de, na ultima vez que representou, ser comediante modernissimo.

Nunca imitou um colega. Foi sempre João Rosa e só João Rosa. Isso prova o seu character artistico, e a sua probidade de interprete consciante. Até deixar o tablado foi elle mesmo, o que é digno de nota, dada a imitatividade de collegas seus. E por ter sido elle mesmo «foi artista discreto», como um critico de nome lhe chamou, talvez ignorando que a discreção em teatro acusa a honestidade do comediante.

MARIO LAGE.

No proximo numero publicaremos o elogio-critico da actriz Lucinda Simões.

Pensamentos

—
Não ha liberdade sem sacrificio.

—
E' da natureza humana o abusar da autoridade absoluta.

—
O dinheiro é o nervo de todas as guerras.

—
OLIVEIRA MARTINS.

ARTE

DE

TEATRO

Má Sina (continuação)

O typo do moleiro Antonio, perfeitamente desenhado nas diversas scenas da peça, patenteia nos a linha dum homem impulsivo e cheio dos preconceitos inherentes á classe onde nasceu e se creou. A briga do preconceito com a impulsão natural é perfeita e magistralmente desmonstrada, por quanto o moleiro diz no primeiro acto *«um homem de bem não mata nunca»* e na scena final do episodio é elle que péga na espingarda para matar Manoel.

E já que falámos em preconceitos permita-nos o leitor que achámos especioso que o illustre critico da *Má Sina*, a quem nos temos referido e que, falando do encontro de Manoel com a Príncipeza, dentro da azenha, se admira do *raciocinio com que todos, gente rude, fazem a distincção entre o que salva a vida d'uma mulher e o que lhe salva a honra*, não quizesse ver que a Verdade estava em mostrar que essa mesma gente rude, que não leu Kant, nem Comte, nem sequer a filosofia do Sr. Pedro Monteiro e que viveu desde a mais tenra infancia cercada dos milhões de preconceitos que espicaçam o ser moral dos campones, essa gente devia pôr esses mesmos preconceitos acima de tudo e tê-los como verdades naturaes, pois que os seus mal desenvolvidos cerebros não podem fazer a selecção de tudo quanto enxameia as paginas dos supracitados auctores, tão facilmente assimilado pelo illustre critico, mas altamente indigesto para os habitantes d'uma azenha.

O Sr. Mantua pode ter sobre a Honra e sobre a Vida as ideas mais em contradicção com as phrases que poz na boca das suas personagens, mas, estudando estas *d'après nature* e vendo que aquella gente pensava duma certa maneira, não podia, nem devia obrigal-os a dizer coisas que estariam em manifesto antagonismo com a cerebração do campones... só para dar gosto ao critico illustre.

Alem disso, como o auctor da *Má Sina*, escreveu a sua peça, cheia de personagens reaes, para uma época não isenta de preconceitos e nunca para tempos muito longos e quiça vindouros, achamos nós que a peça em questão é de feição absolutamente moderna, trêcho da vida trazido á luz da ribalta, hodierna, simples, oportuna, verdadeira e perfeitamente adaptada á indole do Normal.

Mais ainda: nas ideas que o auctor mostrou na peça, é tão revolucionario como o illustre critico porque considera e levanta sempre e em todo o seu trabalho a supremacia da Vida sobre quaesquer sentimentos.

Quando Manuel sae, no fim do terceiro acto agarrado á Príncipeza já deshonrada pelo irmão e diz *«é este o primeiro dia feliz da minha vida»*, vae para o Amor, livre, sem peias, e o critico da *Má Sina* não poderá negar que o Amor é a Vida.

A Príncipeza entregase a Pedro, não porque o ame, mas por gratidão e mais ainda por não ter que comer, é portanto a Vida que ella procura sustentar e que colloca acima de tudo, mesmo da Honra.

O mal de Bento Mantua é ser portuguez, se fóra estrangeiro, com peça em Portugal, outro galo lhe cantára!...

Falámos do desempenho:

Quanto a nós cabe o primeiro logar ao

actor Ignacio que tanto na caracterisação, como na maneira de viciar o papel e ainda no modo correcto como sustentou do principio ao fim da peça a sua difficil personagem quer ouvindo, quer dizendo, foi admiravel e inexcitavelmente primoroso.

Alguem lhe notou, como incorrecção, o gesto cambado, quando, aliaz, lh'o deveria ter apontado como virtude pois cada um colhe, na sua profissão, a attitude viciosa do seu esqueleto osseo; e a duma personagem que possa a mór parte de sua vida, curvado, de cabeça baixa, olhando as mós e o inferno, apanhando e joirando cereal, quando não carrega sacas de farinha, é com certeza a que o actor nos apresentou.

— Brazão que disse bem o seu papel, marcando vigorosamente todas as situações dramaticas, embora por vezes roçasse pela declamação romantica, não nos satisfez na maneira de vestir a personagem. O homem que anda, á noite, durante muitos mêzes

genero ramerrão explorado no theatro do Gymnasio. Sem um grande recheio de situações e ditos de graça, ouve-se, não obstante, com agrado, para o que muito concorreu um desempenho harmonico e uma traducción bem cuidada.

Fustiga alguns dos muitos vícios de que de que está eivada a sociedade e, sem lançar mão d'um enredo complicado, consegue de quando em vez, provocar a gargalhada e isso lhe basta para não ser uma peça de todo má.

O desempenho é bom, na maioria, salientando-se as actrizes Barbara e Jesuina Saraiva nos seus papeis de mããs ambiciosas e, do lado dos actores, Cardoso, Telmo, Albuquerque e Alegrem: os dois primeiros cheios de graça e naturalidade.

Albuquerque e Alegrem, dois novos que caminham progressivamente, agradaramnos muito nas suas novas creações, um pouco fora do genero em que costumam trabalhar: Albuquerque muito comico, sem exaggeros; Alegrem, natural, bem cuidado, e gracioso, sem descer ao burlesco.

Monteiro e Pimentel, em papeis secundarios, não puderam salientar-se.

Thirse e Alda Aguiar continuam, ainda, difficientes em gesto, com os membros superiores agarrados ao tronco, ignorando o que devem fazer ás mãos.

Z.

Figuras do Palco



Actor Ignacio

(Do theatro de D. Maria II)

dormindo pelos campos, não pode de forma alguma apresentar-se limpo, aceiado, com o fato escovadinho e sem beliscadura.

— Araujo Pereira não tem, no Pedro, uma das suas personagens felizes; e o seu erro provem de, sendo um actor da escola naturalista, querer fazer subir a voz até á afinação da voz de Manoel, figura desempenhada por um artista (Brazão) da escola romantica. O defeito vem da má distribuição.

— Joaquim Costa representou bem, mas foi um pouco piégas quando implora a piedade de Antonio para o filho e... não foi nada um ribatejano: deu nos um homem do Baixo-Alentejo a descambar para Algarvio.

— Palmira Torres, não foi mal nos dois ultimos actos, no primeiro lembrou por vezes uma marqueira *vieille roche*. — teve belas expressões physionomicas e disse com sentimento e naturalidade.

— F. Mendonça e Antonio Costa, nos seus pequenos papeis, foram conscienciosos e honestos.

— A encenação de Araujo Pereira, muito boa. Scenario de Luiz Salvador, esplendido.

ROSIANOL.

A' peça de mil contos—Peça em 4 actos, versão livre do hespanhol por Leandro Navarro—Th. do Gymnasio abril, 1908.

Esta peça que, se a memoria nos não falla, foi levada, ha annos, em beneficio do actor Telmo, vertida do francez por Gervasio Lobato, afasta-se um pouco do

O director desta secção, Mario Lage, começará no proximo numero por provar a inanidade da critica dos jornaes diarios referente aos ultimos originaes representados: *Má Sina*, de Bento Mantua, e *A. B. C.* de Ernesto Rodrigues e Acacio de Paiva.

Com a independencia de criterio que tornou muito lida esta nossa secção por todos os que se interessam por teatro, Mario Lage, procurará desenvolver o porquê da critica nacional: sua ignorancia arte e malevolencia e jornalismo.

PELAS ARENAS

CHRONICAS TAURINAS

Foi a corrida de domingo abundante em episodios e deficiente em arte, e por isso quasi não vale a pena fallar-se n'ella.

Melhor será que no espaço consagrado á costumada resenha nos occupemos de coisas mais dignas de ser lidas e ponderadas por aquelles a quem dizem respeito.

No reclame que o *Seculo* publicou durante toda a semana, para a quinta corrida, lê-se que os touros são todos puros, da ganaderia do sr. Marquez de Castello Melhor. E' um facto verdadeiro, todos nós o sabemos pelos cartazes, que nos dizem a origem dos touros, accrescentando que elles foram comprados pelo sr. Antonio Luiz Lopes, de Villa Franca.

Mas é justamente a omissão d'este nome nos citados *reclames*, que, ninguém o ignora, são da responsabilidade da empreza do Campo Pequeno, e não da redacção do *Seculo*, o que nos suggere estas considerações.

São dois, sem duvida, os prejudicados com elles. E' o *Seculo* o jornal mais lido em Portugal, e de certo tambem o periodico portuguez que mais echo terá em Hespanha, e n'isso está o prejuizo de que fallamos.

Para o sr. Luiz Lopes, que, com sacrificios monetarios, tenta começar a sua ganaderia com sementaes d'uma raça acreditada, de nada lhe servirá essa corrida, pois que o seu nome é pouco visto; para o sr. Marquez de Castello Melhor, o prejuizo é maior ainda, pois sabido é que vendendo annualmente um bom numero de corridas para as arenas hespanholas, o interesse que d'ahi lhe poderia advir ser-lhe-ha cerceado, porque nenhuma empreza em Hespanha se abalança a negociar com qualquer *ganadero* cujo gado seja corrido nas nossas praças, visto que alli apenas são lidados touros puros.

Bom será, pois, que se acabe com tal fórma de reclamar, e se attente no mau resultado que ella pode trazer.

Um outro facto que merece despertar a attenção, são as irreverencias praticadas no ultimo domingo pelo cavalleiro Fernando Pereira com dois criticos taurinos, ambos nas bancadas, em exercicio do seu direito.



MANOEL GARCIA (REVERTITO)

Não podemos negar a qualquer artista o direito de ter consciencia e julgar se o seu trabalho é mal apreciado por este ou aquelle, mas não é em plena arena que esse desforço se tira.

Tem o sr. Ricardo Pereira razão para julgar que o critico do *Seculo* se engana no seu modo de ver a seu respeito?

Então, com calma, sereno, discuta com elle, peça-lhe, já que esse critico o castiga, que lhe ensine a fórma de tourear, e assim poderá julgar dos conhecimentos do mesmo critico.

Não é indo com o cavallo deante d'elle e de farpa na mão dizer-lhe «lá vae á sua saude» em ar de troça, que um artista se deforça, acredite.

Não queremos discutir se o critico do *Seculo* está ou não á altura de occupar esse cargo no importantissimo jornal portuguez, mas a verdade é que ali, na barreira, ou seja *Zé Faleco*, ou seja quem fôr, quem está é o jornal, não o homem.

Já no domingo anterior um outro artista, o bandarilheiro Jorge Cadete, levado por influencias estranhas, praticou a mesma acção, e Jorge Cadete, o toureiro primoroso que todo o publico applaude como o nosso primeiro artista na lide de bandarilhas, foi bastante censurado.

Tambem Ricardo Pereira por igual maneira offende o critico do *Mundo*, e esse homem, sabe-o bem este cavalleiro, e sabemol-o todos, é auctorissimo. Negar conhecimentos taurinos a Guilherme Maia, é o mesmo que negar... a luz do sol!

Pois tambem o Maia foi alvejado ali, em plena praça, pelo sr. Ricardo Pereira, que, parece, estava n'aquella tarde com um ataque de figado... que elle tanto censurava em outros collegas.

E' com bastante lastima que são traçadas estas linhas, tanto mais que Fernando Ricardo é d'aquelles com quem mais sympathisamos, como homem e como artista, mas a verdade é que este estado de coisas não pode assim continuar.

Já em epochas anteriores temos sustentado o mesmo e ainda ultimamente na *Trincheira* tentámos levar a cabo:

E' preciso d'uma vez para sempre que se acabem estas dissidencias entre criticos e artistas:

Assim como o critico — e qual o não faz? — tem obrigação de escrever o que a sua consciencia e os seus conhecimentos lhe ditam, assim o artista tem o dever de acatar essa opinião, discutindo lealmente quando divirja d'ella, e não insultando e offendendo aquelles que, muitas vezes, se vêem a tratos para poderem *tapar* o muito de mau que deveriam dizer de trabalhos varios.

Um meio apenas existe para fazer entrar todos na ordem. Esse meio já em Hespanha se viu dar optimos resultados:

— E' não publicar em nenhum — **mas em nenhum** — jornal o nome do artista que desrespeitar um critico, e veremos então se as bravatas se não acabam e não entra mais na cabeça d'esta gente que, para seu interesse, precisa ter... juizinho.

E' com estes e outros assumptos de igual importancia que se devem occupar os jornaes da especialidade, em vez de enodoarem as suas columnas com a intrigalhada baixa e discussões que mais deslustram que honram quem as tem.

ÊMECÊ.

BORDADOS E RENDAS



Quem me déra, passar a minha vida,
Numa aldeia, feliz e socegada,
Onde logo ao romper da madrugada,
Ouvisse ao longe os sinos d'uma ermida...

Onde a vida, serena e recatada,
Mergulhada num banho de pureza,
Se assemelhasse á mesma natureza,
No seu suave leito reclinada...

Ouvir tanger os sinos em surdina,
E demorando a vista p'la campina,
Vêr muita gente ao longe ajoelhando.

E desprezando as vãs philosophias,
A' tardinha ao cahir d'Ave Marias,
Tirasse o meu chapéu tambem rezando.

RUSTICO.

Guitarra de Romanol

6

Brota d'um beijo uma vida
D'uma lagrima um coval;
Ha tanta campã florida,
Ha tanto beijo mortal!

7

Ao ver-te a mão miudinha
Decerto que ninguem ha-de
Ir dizer que a vida minha
Cabe lá dentro á vontade.

8

Vejo em teu peito, mulher,
Tantos crimes, que eu nem sei
Se mais crimes pode haver
Em duros ferros d'el-rei.

9

A doce voz com que embalas
O meu ser, faz-me scismar,
Pois não sei se és tu que fallas
Se é a brisa a ciciar.

10

As covas que Deus te deu
E que nas faces te vejo,
Foram feitas, creio eu,
Para abrigo d'aigum beijo.

Menina e Moça

I

«Menina e Moça tímida e formosa
Tu amarás, um dia, ardentemente . . .
E agitava a varinha caprichosa
A Fada hebreia, sob o luar dolente.

«Será joia sem preço ; a flôr mais rara !
Innocência, candura, mansidão.
Seu corpinho de estatua de Carrara
Será o Bello feito Perfeição !

Seus olhos serão pretos e sem par !
E a sua bocca será uma camelia
Vermelha, a entreabrir, desabrochar.

Cahida para traz a trança escura,
Sempre de branco como andava Ophelia,
Aô vel-a encontrarás n'ella a Ventura !»

II

Parti. Fui correr mundo. Caminheiro,
Conheci varias gentes e paizes.
Alimentei-me ás vezes das raizes.
N'uma tribu abxim cahí prisioneiro.

E procurando Aquella cuja imagem
Eu levava gravada na memoria,
— Que seja esta tambem a minha gloria ! —
Seguia satisfeito na romagem :

Vagueei pelas campinas da Bretanha,
Cruzei a França, vi Paris do vicio,
E mendiguei nas ruas da Alemanha !

O que eu andei por esse mundo fóra !
Bemdito seja tanto sacrificio
Pelo prazer de te encontrar agora !

III

Não sei se isto é ventura, se desgraça,
Amar-te como eu amo, minha Santa ;
O que sei é que tudo ora me encanta
Des' que vi teu olhar cheio de graça :

A dôr que tanto peito despedaça,
Minha voz soffocava na garganta ;
Mas veio a tua imagem sacrosanta
E foi-se a nuvem negra, ao longe esvoaça !

Creaste para mim um paraíso.
Sinto abrir-se-me a vida n'um sorriso.
Feliz a minha sina, a minha dita !

O que fazem teus olhos sonhadores !
Teus olhos que eu beijava como flores,
Bemdito olhar, bem dita luz, bem dita !

Abril-908.

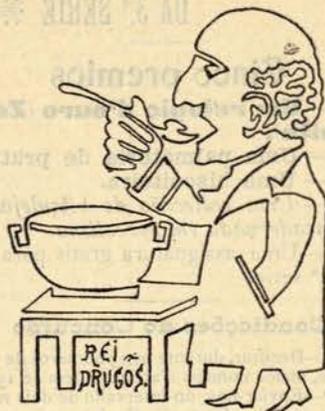
ASTRIGILDO CHAVES.

FEITICEIRO DAS TREVAS

Consulente: — Antonio E. S. Junior.

E' extraordinario ! Nunca ninguem me consultou nas condições em que o Snr. S. Junior o faz ! Diz-me na sua carta que nasceu em Junho de 1907 e afañça-me logo que mede um metro e cincoenta e cinco d'altura. Escreve-me com excelente caligrafia comercial e quer convencer-me que ainda não tem um anno de idade ! Que precocidade d'engenho e dimensões : se continua assim, aos onze annos é formado em dôse facultades e da altura da coluna Vendôme !

CURIOSIDADES



Desenho de um só traço

N'estas circunstancias, que diabo quer o meu amigo que lhe diga do seu passado ? Que o tem passado agarrado á chucha ; está claro, não é necessario sêr-se feiteiceiro para o adivinhar !

E do seu futuro ? Que aos trinta annos, se continuar crescendo assim, deverá batêr com a cabeça nas paredes da Lua ? O vaticinio é logico ! Ou não saberá o Snr. o anno em que nasceu ?

Ou estará a mangar comigo ? Explique-se, por Deus ; se quer que eu cante a aria da bruxaria, bata o compasso a tempo.

1907... um metro e cincoenta e cinco... ora isto !

Consulente : — Manoel T. G.

V.^a Ex.^a parece sêr muito bôa pessoa e sêr-me-hia extremamente agradavel satisfazêr a seus desêjos mas, vêjo me na impossibilidade de o fazêr porquanto o Snr. T. G. se esqueceu de juntar á sua carta a respectiva Senha de Consulta.

Os astros são muito gulosos : não respondem em quanto se lhes não faz a bôca doce com um rebuçadinho de dix centimes (um vintem, creio eu, em Portugal).

Metêr a mão na bilha do Destino por um vintem... vamos... não é caro.

Cá fico esperando a queijada (savoureuse friandise fabriquée à Cintra).

G. C.

(Veja nas capas a senha de consulta de mais requisitos).

Cumulos

Da cirurgia — Extrair um argueiro do olho da rua.

Do cabelleireiro — Rapar um susto á navalha.

Viajar no vapor d'agua.

Açular o cão d'uma arma.

Amputar a Perna de Pau.

Madrugada...

Alma peninsular sentida das guitarras...
— Eduardo Metzner —

Após a densa treva, eis surge no horizonte
Um rutilo clarão... a orgia é terminada...
No sidereo azul, a doce madrugada
Annuncia o Rei-Sol... o enorme masto-
donte !

Na concepção febril da mente enfraquecida
Eu julgo vêr além, das nuvens no tropel,
Excentrica figura... um monstro audaz,
cruel...
... Eu julgo vêr no ceu a imagem d'esta
Vida !

Distingo o Mal, o Bem, o Odio, a Carida-
de...
O abysmo das paixões de toda a humani-
dade...
A Tyrannia audaz com sua enorme garra...

Surge, alfim, no horizonte um raio de Sol
bemdito,
E eu fico-me a pensar... os olhos no Infini-
to,
Ouvindo ao longe... ao longe o som d'uma
guitarra !

Lx.^a 16-Março-908.

MAC-ILLERNO.

EXPEDIENTE

Pedimos aos Ex.^{mos} Snrs. As signantes a fineza de mandarem satisfazer até ao fim do mez a importancia das suas assignaturas.

A partir d'esta data a cobrança será feita pelo correio e augmentada com a respectiva taxa de 60 réis.

O céu parece triste, a noite não tem estrel-
las
Como triste viuva, traja de negra côr
Trinados d'avesinhas, de verão nas man-
nhãs bellas
Vgora são queixumes d'uma profunda dôr !
Viver no céu não poudê a estrella que ca-
hiu.
Infeliz que a perdeste e, ai, de quem a viu !
Vimou-a, mas a estrella não sabe o que é
amôr.

MISS WHITE.

Semana Alegre

— Quem inventaria a Quaresma ? pergun-
tava um sujeito que não gostava de peixe.
— Essa agora ! Quem havia de ser ? S.
Pedro que era pescador.

Entre compadres.
— Que horas são no seu relógio ?
— São horas de pagar o que me deve...
— Oh ! Compadre... isso está adianta-
dissimo.



QUAL É A COISA,

QUAL É ELLA?

O CONCURSO DA 2.^a SERIE
Quem ganhou os premios.
Um tinteiro de prata e o titulo
de campeão.
O 2.^o e 3.^o premios

Decifradores do n.^o 30

Celeste-(15)—*Bailio*-(13)—*Sado*-(11)—*Luiz Ceia*-(3)—*Sombrio*-(13)—*Açnarepse*-(13).

Eis o apuramento final do numero d'artigos decifrados na 2.^a serie e dos seus respectivos decifradores:

Celeste, 174—*Sombrio*, 142—*Bailio*, 140—*Açnarepse*, 130—*Sado*, 120—*Giliosa*, 99—*Litras*, 68—*Tira Mitras & C.*, 66—*Luiz Ceia*, 63—*R. Passos*, 60—*Apollo*, 58—*Tiberio Maia Mendes*, 56—*Polar*, 55—*Fernando Sousa*, 46—*Almeida Cyrne*, 43—*Mariano Ribeiro*, 23—*José da Costa*, 21—*Grupo dos 9*, 20—*Ulissipos*, 19—*Sobrac*, 18—*Peropapi*, 11—*Lobato Adegas*, 10—*Timido*, 8—*Rei dos Doidos*, 6.

Campeão da 2.^a serie
D. CELESTE DA CONCEIÇÃO
CHAGAS
Rua da Barroca, 107, 2.^o
 Artigos decifrados, 174

E' pois a Ex.^{ma} Sr.^a D. Celeste da Conceição Chagas a contemplada com o

1.^o Premio — Um tinteiro de prata

Os premios restantes cabem :

2.^o Premio — As duas series do «Azulejos» encadernadas em percalina, ao Ex.^{mo} Sr. Luiz Silveira (Sombrio), residente em Setubal.

3.^o Premio — Uma assignatura gratuita para a 3.^a serie ao Ex.^{mo} Sr. Abilio de Sousa (Bailio), residente no Porto (Hospital do Bomfim).

Os dois primeiros premios podem ser requisitados n'esta redacção em qualquer sabbado, das 8 ás 9 da noite.

O GRANDE CONCURSO DA 3.^a SERIE

Cinco premios

- 1.^o — Um relógio d'ouro (Zenith).
- 2.^o — Uma palmatoria de prata.
- 3.^o — Uma biscoiteira.
- 4.^o — Uma collecção do «Azulejos» encadernada em percallina.
- 5.^o — Uma assignatura gratis para a 4.^a serie.

Condições do Concurso

- 1.^a—Decifrar, durante os 15 numeros da 3.^a Serie, maior numero d'artigos, alem de 150.
 - 2.^a—Enviar-nos, no intervalo de dois numeros a folha da secção *Qual é a coisa qual é ella*, escrevendo nos rectangulos as decifrações, assignando, datando e indicando a morada, n'uma das margens em branco.
- As decifrações devem ser enviadas pelo correio cintando a pagina do semanario e pondo-lhe uma estampilha de 5 réis.

Para que todos possam concorrer, não damos ainda n'este numero as decifrações da 3.^a serie.

Na 4.^a feira foram-nos dirigidas duas paginas de charadas multadas em 40 réis e que não aceitamos. Foram as unicas enviadas n'este dia. Aqui fica o aviso.

Charadas

Quando a segunda, largada
 For a primeira, dá fim...-2
 A vida movimentada
 D'esta segunda, é assim...-2
 O todo imita a segunda
 Mas, chegando ao seu destino
 Já não gosta que lhe toquem
 Faz a primeira o mofino.

R. D.

Novissima

No primeiro de Maio do novo anno hei de comprar um animal-2-1.

APOLLO

Paronymo

Falla verdadeira esta terra-2.

PUMPUM

Biforme

D'este animal fiz uma planta-5.

REI DOS DOIDOS

Reduzida

Oposto
 —cho—
 Encargo

TIRA MITRAS & C.^a

Electrica

A's direitas e ás avessas
 Sempre o mesmo deve dar,-2
 Procura leitor, procura
 Para esta arvore encontrar.

GINGINHA

Enygmas

Typographico

ÇA

RO

GALHÊTO

Por iniciaes

A Q S M N S

3 3 3 1 1 3

LITRAS

O A N T L

1 2 3 1 1

PINGOLINHAS

De palitos

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Tirando 11 palitos fica um periodico.

OJUARA

Artigos a decifrar, 10

A 3.^a Serie do AZULEJOS

Alem de maior numero de gravuras será augmentada com novas secções, entre as quaes apparecerá uma de grande utilidade para as nossas gentis leitoras:

MODAS E CONFECÇÕES

O AZULEJOS continuará a publicar em todos os seus numeros trechos musicaes, artigos scientificos, contos, versos, criticas theatraes, taumachicas, sportivas, etc.

CONCURSO CHARADISTICO

Satisfazendo ás condições dos anteriores e com cinco premios:

- 1.º — Um relógio d'ouro (Zenith)
- 2.º — Uma palmatoria de prata
- 3.º — Uma biscoiteira
- 4.º — As tres series do AZULEJOS encadernados em percaline
- 5.º — Uma assignatura gratuita para a 4.ª Serie

Assignatura por serie de 15 numeros 300 réis

A COBRANÇA PELO CORREIO CUSTA MAIS 60 REIS

Todos os pedidos d'assignatura serão satisfeitos na volta do correio, quando se façam acompanhar da respectiva importancia, sem o que não serão attendidos.

TALVEZ

POLKA

João P. Mineiro.

PIANO

ff

1. 2.

ff

1. 2.

Do 8. ao 8.

3

3

3

3

Coda

1. 2.

Coda

Do 8. ao 8. até Coda